

Ambiente hipermediático na preservação do patrimônio cultural imaterial

Hypermedia environment in the Preservation of Intangible Cultural Heritage

Marx Furtado da Costa¹

Universidade de Aveiro, Portugal

Juliana Campos Lobo²

Universidade de Aveiro, Portugal

Josenilde Cidreira Vieira³

Universidade de Aveiro, Portugal

Resumo

O presente artigo discute a preservação da memória coletiva e do patrimônio cultural imaterial de um dado espaço-povo, por meio do ambiente hipermediático, bem como conceitua a revolução tecnológica, a rede, a interdisciplinaridade e seus conceitos transversais. É ressaltada ainda a contribuição que uma plataforma digital colaborativa assente na *Internet*, referentes ao cenário dos festejos juninos do Brasil e de Portugal, pode oferecer à preservação da memória coletiva e do patrimônio imaterial desses dois países. Assim, com o objetivo de constituir uma alternativa para proporcionar o acesso irrestrito à informação, possibilitando um ambiente para discussão e gerando e disseminando a informação histórico-cultural, pretende-se agregar conjuntamente as informações referentes às festividades juninas brasileira e portuguesa, que atualmente encontram-se dispersas na *web*, por meio de uma plataforma digital. Como resultados pretendidos, tenciona-se que a plataforma colaborativa sirva, além de repositório virtual, como espaço de mediação, colaboração, reflexão e interação entre os agentes, que, direta ou indiretamente, constroem este cenário, participam da sua memória e contribuem para a preservação do patrimônio cultural imaterial.

Palavras-chave: Plataforma digital; Memória Coletiva; Patrimônio cultural imaterial.

Abstract

This article discusses the preservation of collective memory and intangible cultural heritage of a given space-people through hypermediatic utterance environment and defines the technological revolution, the network, the interdisciplinary and crosscutting concepts and describes his job on a platform based on the Internet regarding the setting of the June festivities in Brazil and Portugal. Aiming to provide an alternative to provide unrestricted access to information, enabling an environment for discussion among peers and generating and disseminating information history, we intend to jointly aggregate information related to Brazilian and Portuguese cultural scene junino, which

¹ marx@ua.pt

² julianaclobo@ua.pt

³ josenildecidreira@ua.pt

currently are dispersed on the web, via a digital platform that will serve as well as virtual repository, as a space for mediation, collaboration, reflection and interaction among agents that directly or indirectly construct this scenario and participate in its memory.

Keywords: Digital platform, Collective Memory, Intangible Cultural Heritage.

1. A revolução tecnológica

1.1 A Sociedade em Rede

As transformações trazidas pela sociedade contemporânea alteraram a maneira de perspetivar os percursos e os objetivos dos indivíduos, assim como a dimensão do espaço e do tempo onde estão inseridos. Os estilos de vida, os avanços tecnológicos, a crescente internacionalização dos mercados, as novas dimensões da organização do trabalho, a emergência de realidades e imaginários sempre mais transculturais são, entre outros, fenômenos surgidos no contexto da pós-modernidade e que se diferenciam de todos os modelos tradicionais anteriores, especialmente por assentarem numa complexa pluralidade de opções culturais e de desafios éticos, de uma maneira nunca antes vista (GIDDENS, 2002).

A contemporaneidade, como pensa Jean Baudrillard (2007), é promotora de uma transformação sempre mais acelerada no âmbito tecnológico, gerando efeitos mais articulados nos contextos antropológico e sociológico. Para o autor, existe um “desenvolvimento tecnológico desenfreado”, o que vem incitando inúmeras transformações no consumo, na comunicação e no relacionamento entre os indivíduos. Em complemento a esta ideia, Zygmunt Bauman (2008) afirma que devido ao avanço da tecnologia, principalmente a partir do século XXI, as pessoas tendem a manter relações estabelecidas mais por meios eletrônicos do que por presenciais. Bauman (2008) ainda comenta que “vivemos tempos líquidos”, ou seja, vivemos rodeados por uma cultura descartável, onde a falta de solidez e o sentimento de volubilidade entremeiam a nova sociedade. Tudo isso ocorre em virtude das infinitas possibilidades de escolha e da curta durabilidade dos bens, favorecendo o descarte e o desperdício.

Isso se reflete na tendência de se deixar acostumar pela rapidez e superficialidade nas várias atividades cotidianas, desde a experiência de consumo usual a de conhecimento, sempre mais fragmentada e isolada. As novas tecnologias, com o imaginário que proporcionam os seus diferentes dispositivos digitais (smartTV, smartphone, computador pessoal, tablet, videogame), ao contribuírem para algumas destas tendências culturais, podem ao mesmo tempo desencadear práticas mais conscientes e baseadas na curiosidade, no mútuo reconhecimento e, sobretudo, na qualidade da arquitetura das plataformas utilizadas.

A facilidade de acesso ao mundo online tem intensificado a interação e a troca de informações nos moldes da *Web 2.0*⁴. As possibilidades abertas pelo advento dos dispositivos móveis e da sua constante evolução são bastante vastas, abrangendo desde o *upload* instantâneo de fotos a aplicações de realidade aumentada. Este fato tem contribuído para que o conteúdo online seja rapidamente criado e transformado, através de um intercâmbio mais intenso de ideias. Outra consequência desta realidade é uma maior descentralização do controle do conteúdo online, que passa a ser feito de usuário para usuário (JENKINS, 2009).

Mesmo com o avanço da tecnologia e da revolução comunicacional, que culminou com o processo colaborativo no ciberespaço⁵, é relativamente comum o usuário ainda se deparar com a desorganização das informações na web e com a forma aleatória como estão dispostas. As plataformas digitais, enquanto ambientes hipermediáticos, surgem como um meio habitado no ciberespaço, utilizado sobretudo para a organização e o lançamento de conteúdos. Nessa conjuntura, redes sociais, sites e blogs ganham papel fundamental como facilitador de acesso a conteúdos diversos, e, por que não de conhecimentos?

⁴ A *Web 2.0* caracteriza-se pela interação entre os usuários e participação dos mesmos na criação dos conteúdos, através do compartilhamento coletivo (O'REILLY, 2007).

⁵ Segundo Rheingold (1995), ciberespaço é a nomenclatura usada por muitos para definir o espaço conceitual onde os textos, as relações e as informações são manifestadas pelas pessoas que usam a tecnologia.

Em consequência da ascensão da cultura e do consumo de massa, que caracterizaram a época da sociedade moderna e industrial, deparamo-nos hoje com o surgimento da cultura digital, considerada sempre mais aberta à potencial heterogeneidade dos fenômenos culturais. Neste novo contexto, determinado pela produção, o armazenamento, a partilha, o consumo, a co-criação e a transmissão das informações e dos dados digitalizados, o “público”, que outrora era interpretado como receptor passivo da informação, passa a atuar na sua co-produção, dando origem ao imaginário da sociedade em rede. Surgem, assim, as chamadas “mídias colaborativas” e as redes sociais online, que, entre outros fins, facilitam a difusão e o acesso a informações sobre produtos, práticas e serviços de qualquer natureza. Nesses ambientes colaborativos, as trocas de experiências entre os utilizadores acarretam mudanças no comportamento dos participantes (COSTA, 2013).

Todas essas mudanças fazem parte do que Castells cunhou de Sociedade em Rede, que reflete as novas relações e as interações humanas subjacentes à ideologia tecnicista, a partir de um princípio organizador: o informacionalismo (CASTELLS, 2001). Em adição, Roberto Lisboa (2006) conceitua Sociedade em Rede ou Sociedade da Informação como a:

[...] expressão utilizada para identificar o período histórico a partir da preponderância da informação sobre os meios de produção e a distribuição dos bens na sociedade que se estabeleceu a partir da vulgarização das programações de dados utilizados nos meios de comunicação existentes e dos dados obtidos sobre uma pessoa e/ou objeto para realização de atos e negócios jurídicos (LISBOA, 2006, p. 85).

É, portanto, a partir da internet que se percebe a explosão de diversas plataformas digitais interativas, a mudança na produção e na disseminação de informação, um novo formato das relações sociais e da comunicação humana.

2. A rede e a interdisciplinaridade

Paralelo a este preâmbulo, as justificativas para se creditar que a internet e as “famosas” redes sociais são “responsáveis” pelas mudanças mais significativas na organização social contemporânea, correspondem, fundamentalmente, a duas situações: ao desenvolvimento excepcional das comunicações, que possibilitou a conexão entre pessoas onde havia isolamento; e à valorização da relação entre pessoas e entre pessoas e as coisas. Estas duas razões explicam, em particular, a importância que a internet e as redes sociais assumiram tanto no nível do conhecimento, quanto no nível da prática (LEMIEUX, 2000).

A popularidade do conceito de “rede” fez com que sua capacidade explicativa e descritiva ultrapassasse as fronteiras das Ciências Sociais e se estendesse a outros domínios científicos, resultando na transdisciplinaridade do conceito. É por isso que desde o final da década de noventa, alguns estudos defendem a existência de uma “nova ciência das redes” (WATTS, 2003), como forma de explicar as interconexões no mundo contemporâneo, onde “tudo está ligado”⁶.

Complementarmente, Castells (1996) diz que “as redes não são apenas uma nova forma de organização social, mas se tornaram um traço-chave da morfologia social” (p. 18). Daí advém a teoria sistemática da Sociedade da Informação ou da Sociedade em Rede, a partir dos efeitos fundamentais da tecnologia informacional na sociedade contemporânea. A metáfora prototípica dessa sociedade é a dos “espaços de fluxos”, que caracteriza uma lógica organizacional independente de localização. Assim, ela é caracterizada por promover a:

⁶ Expressão que faz referência à obra de Albert-László Barabási: *Linked. How Everything is connected to Everything Else and What it means for Business, Science and Everyday Life* (2003).

- a. Globalização de atividades estrategicamente decisivas da economia;
- b. Forma de organização em rede;
- c. Instabilidade do trabalho e individualização do emprego;
- d. Cultura de virtualidade real, construída por um sistema pervasivo, interconectado e diversificado de sistemas de mídia;
- e. Transformação das condições materiais da vida, do espaço e do tempo, devidos aos espaços de fluxos e do tempo sem tempo (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 16).

Portanto, como a noção de “rede” pressupõe um apoio interdisciplinar de outras áreas do conhecimento científico, do fluxo das redes existentes, da informação e das novas tecnologias, também sugere uma aparente transdisciplinaridade, apoiada em diferentes óticas, como através da História, da Filosofia, da Economia, das Ciências Exatas e das Humanidades. Esse modelo é fruto do que se entende por informação contemporânea, por estar disponível nos mais diversos suportes e plataformas. Por esse motivo, o pesquisador e filósofo italiano Luciano Floridi (2010) faz referência à Infosfera como forma de representar esse complexo ambiente informacional, onde, atualmente, as pessoas produzem e consomem mais informação.

Logo, é nesse mundo da Infosfera, constituído por todos os processos informacionais, serviços e entidades, assim como por atores informacionais e suas propriedades, interações e relações mútuas, que também experimentamos e ressignificamos nossas memórias, culturas e patrimônios de um modo muito particular.

3. Conceitos transversais

3.1 A memória coletiva

Os processos de comunicação possuem uma relação com a realidade concreta e com a experiência, a qual Rodrigues (1999) diz estar vinculada a um conjunto de saberes fundados no hábito, e, por isso, é dependente “dos mecanismos da memória, da capacidade de rememoração que os humanos possuem, da capacidade de lembrar, no presente, o passado e de prever o futuro, a partir da rememoração presente do passado” (Rodrigues, 1999, p. 5-6). Surgem, a partir daí, dois processos de sinais opostos: a rememoração e a previsão.

A rememoração é identificada pelas marcas do passado, que são evocadas pelos fatos vividos no presente, e que admitem o *reconhecimento* e a *familiaridade* (RODRIGUES, 1999). Quanto à previsão, esta também se consolida no presente, com fatos que evocam o processo de antecipação de efeitos futuros em relação a esses fatos do presente. Mas a memória também pode ser resgatada pelo que existiu de comum em uma comunidade concreta e que se desenrolou pela convivência direta (ou indireta) e imediata, no que se denomina de relações sociais.

Na verdade, segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), a memória individual existe a partir de uma memória coletiva⁷ - termo criado por ele -, já que as lembranças são constituídas no interior de um grupo social, ou seja, a partir das relações e da interação social. Em adição, a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos e paixões que nos são atribuídas, são, sobretudo, inspiradas pelo grupo social do qual fazemos parte e pela língua que os une.

Contudo, ainda que a concepção de Halbwachs tenha estabelecido um “território conceitual” para a memória, o reaproveitamento dos seus estudos pelas Ciências Humanas e Sociais trouxe uma separação de entendimento no que tange a memória individual (ou neurobiológica) e a memória coletiva (ou social e histórica). A Psicologia Cognitiva, por exemplo, reconhece três

⁷ O termo faz referência à Sociologia tradicional de Émile Durkheim, em que as representações coletivas do mundo, incluindo as do passado, têm suas origens na interação de entidades coletivas desde o início e que não poderiam ser reduzidas a contribuições de indivíduos.

principais “sistemas de memória”, que são a memória sensorial, a memória de trabalho (ou memória operacional e memória de curta duração) e a memória de longa duração, a qual está dividida em memória declarativa (que pode ser memória episódica ou memória semântica) e memória de procedimentos.

A quantidade de conceituações corresponde à distinção dos objetos científicos. Porém, atendo-se à consideração de Halbwachs (1990), em que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, o elo entre as reminiscências do sujeito e as do grupo social, no qual esse mesmo sujeito está incluído, pode fazer referência à língua e ao laço cultural que os congrega, o que, conseqüentemente, gera a interação social. Logo, o laço cultural e a interação social colaboram para a constituição de uma memória individual e coletiva, que juntas concretizam como resposta uma dada informação ou conhecimento (Figura 1).

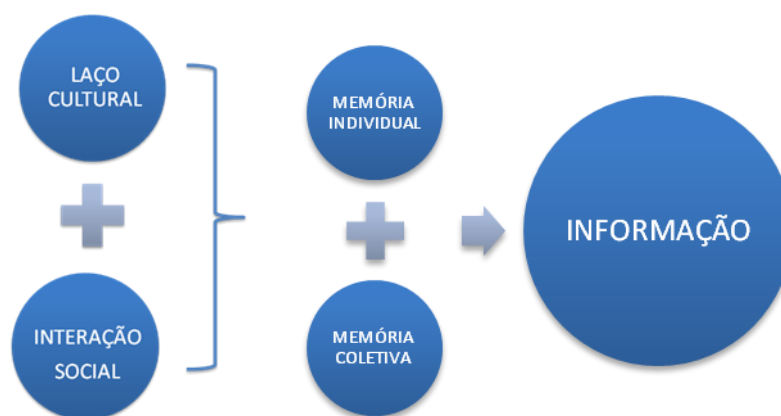


Figura 1: Processo de constituição da memória individual e coletiva
Fonte: Adaptado de SILVA & RIBEIRO, 2011.

3.2 Cultura Local

Sobre o laço cultural, este é resultado do que Castells (2005) denomina como cultura local, imbuída de suas tradições e transformações. A cultura, por sua vez, assume um papel de máxima relevância nesta sociedade da informação, já que, entre outras razões, o patrimônio cultural de um povo lhe confere identidade e o diferencia dos demais (CASTELLS, 2005).

Neste contexto, a proteção do patrimônio cultural imaterial ganha relevância ainda maior, em especial para preservar a memória de uma civilização para as futuras gerações. De acordo com Lisboa (2006), só a preservação do ambiente cultural possibilitará a compreensão do patrimônio cultural e o entendimento de que esse patrimônio não se restringe aos monumentos históricos.

3.3 Patrimônio Cultural Imaterial

A expressão “patrimônio cultural imaterial” compreende a dimensão intangível da produção cultural dos povos, encontrada nas tradições, nos saberes, na culinária, no folclore, nas línguas, nas festas e em diversas manifestações que são transmitidas de uma geração a outra. A cultura imaterial pode enriquecer e “aumentar”, com as suas camadas informacionais, a sua outra vertente material (BALDI, 2013).

Consoante à Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada no ano de 2003 pela Unesco, o patrimônio cultural imaterial compreende as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, bem como os instrumentos, objetos, artefactos e lugares que lhes são associados, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse reconhecimento do

Patrimônio Cultural como integrante das nossas vidas é essencial para a construção das identidades.

A importância desse patrimônio vem sendo difundida ao longo de duas décadas pela Unesco⁸. Com efeito, a Organização das Nações Unidas (ONU) compreende toda a complexidade e dificuldade que envolve a proteção do patrimônio cultural, e tem se esforçado no sentido de definir e consolidar instrumentos que propiciem o seu reconhecimento, e, acima de tudo, sua defesa e proteção. Por essa razão, diversos atores internacionais têm pressionado os governos, as organizações não governamentais e, também, as próprias comunidades locais a reconhecer, valorizar e preservar o seu patrimônio intangível, pois quanto mais se promove e representa este patrimônio, mais ele ganha força e resistência aos riscos da efemeridade contemporânea.

Com o avanço no processo de globalização e seu efeito sobre todos os aspectos da vida humana, a questão cultural surge como um importante elemento dessa dinâmica. Na nossa sociedade informacional, onde o mercado impõe elementos da cultura massificada, a questão cultural torna-se indispensável à expansão de formas padronizadas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Quando os produtos e serviços globalizados coadunam-se com as necessidades e hábitos da cultura local, não há contradições, mas hibridações. Entretanto, havendo o conflito, a globalização se impõe mesmo à custa da mudança de hábitos de consumo e tradições locais.

A comunicação em massa é instrumento indispensável neste processo, no entanto, constata-se que, se por um lado há uma pressão para implantação de uma cultura mercadológica e conformista, por outro, surge a possibilidade de afirmação da cultura popular, que faz uso dos mesmos instrumentos da cultura de massa para a sua representação e divulgação criativa, estando a *web 2.0* e as plataformas digitais incluídas neste contexto.

No atual cenário cultural globalizado, destaca-se a importância da valorização da diversidade cultural como forma de resistência ao estilo de vida padronizado, ditado pela indústria cultural. Virtualizado, o patrimônio cultural, seja ele um bem material (edifícios, objetos, etc.) ou imaterial (costumes, danças tradicionais, festas, etc.), pode ser preservado e documentado não somente através de textos e objetos, como tradicionalmente ocorre nos museus, mas de todo um conjunto de recursos multimídia (vídeo, áudio, modelagens tridimensionais, imagens, links com outros sites e redes sociais, etc.), que podem enriquecer e potencializar traços de sua história (CAMERON, 2007).

4. Ambientes Hipermidiáticos: a plataforma digital no contexto da cultura popular

4.1 As festas populares no Brasil e em Portugal

As festas populares representam um “conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares” (ABREU, 2003). A festa é um acontecimento social, histórico e político, constituindo-se como período e espaço de celebração, de comunhão e de trocas com o mundo. É também um lugar onde são produzidos discursos e significados, e, por isso, igualmente

⁸ Neste contexto, a UNESCO estabeleceu, em 1989, a Recomendação sobre Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular. Tal diploma forneceu elementos para a identificação, preservação e continuidade do patrimônio cultural imaterial. Em 2001, a UNESCO criou um título internacional, denominado a Proclamação das Obras-primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, que é concedido a cada dois anos, a fim de premiar os espaços e expressões de excepcional importância, para o desenvolvimento e proteção do meio ambiente cultural. O Brasil teve a primeira candidatura em 2002, pelo Museu do Índio, que retratava a cosmologia, bem como a linguagem gráfica dos índios Wajãpi, do Estado do Amapá. Em 2003, a UNESCO adotou a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Este regramento foi recepcionado de forma complementar a Convenção do Patrimônio Mundial (1972), que cuida dos bens tangíveis, tratando, porém, exclusivamente da questão do patrimônio cultural imaterial.

promove a criatividade. Através da festa, grupos partilham experiências e memórias coletivas, ritos, comidas, brincadeiras, jogos, superstições, músicas e danças. Para Benjamin (2001), a festa pode ser estudada como um conjunto orgânico de várias manifestações, isto é, um complexo agrupado de fatos culturais interligados, onde o tempo e o espaço são fatores determinantes para a sua conceituação. O tempo está ligado ao período do ritual festivo, enquanto o espaço é importante para a descrição das atividades e suas características próprias.

As festas juninas, além de serem festas populares, são consideradas uma das maiores manifestações culturais do Brasil, segundo a Embratur (2013)⁹. Elas têm sua origem em países católicos da Europa e são, na sua essência, multiculturais. O formato em que a conhecemos hoje teve inspiração nas festas dos santos populares em Portugal, principalmente no São João (RANGEL, 2010). A festividade foi trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial, sendo rapidamente incorporada pelos costumes indígenas e afro-brasileiros (LUCENA FILHO, 2012). Com o passar do tempo, o significado e o nome original da festa, a princípio conhecida por Festa Joanina, foram descaracterizados. “A festa passou oficialmente a ser comemorada no mês de junho, mês em que se comemora a colheita do milho no Brasil; quando os rios estão baixos e o solo pronto para enfrentar o plantio” (RANGEL, 2008, p. 21).

Em Portugal, assim como no Brasil, a festa dos santos juninos abrange as celebrações em nome de Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho). No Brasil, os festejos de São João têm maior força na região nordeste, enquanto em Portugal têm maior relevância na região norte (LUCENA FILHO, 2012). Atualmente, as marcas dessa manifestação popular são representadas e vivenciadas nas danças, na musicalidade, nas comidas típicas, nos objetos culturais e alegóricos, presentes na festividade em suas diversificadas e fortes atrações culturais e turísticas, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Em Portugal, nomeadamente na região do Porto, os festejos de São João se converteram em manifestação político-administrativa organizada pela Câmara Municipal. A festa na rua é animada “ao som dos martelos de plásticos coloridos, forte concorrente do tradicional alho-porro” (IBID, 2012) e ainda apresenta concursos, cascatas, montras, rurgas e os fogos de artifício. A gastronomia é caracterizada pelas sardinhas com broa, febras, caldeiras de peixe do litoral, anho ou cabrito assado com batatas assadas e arroz de forno. O vinho tinto é o principal acompanhante (IBID, 2012).

Já no Brasil, sobretudo na região Nordeste, entre os diversos símbolos que representam a festa junina destacam-se: as quadrilhas, a fogueira, os fogos, as comidas típicas à base de milho (pamonha, canjica, munguzá, pipoca), as bandeirolas e os balões coloridos, os instrumentos musicais (sanfona, triângulo, zabumba). As vestimentas masculinas são compostas pela camisa xadrez, calça com remendos, lenço colorido no pescoço, coletes, botas de cano alto ou alpercatas e chapéus de palha. As mulheres usam vestidos floridos, confeccionados com tecido de chita, cores fortes, babados, rendas e mangas bufantes; além de enfeitarem a cabeça com laçarotes, flores coloridas e tranças.

Este panorama de características festeiras de Brasil e Portugal representa as semelhanças e diferenças entre os festejos, sendo também importante acrescentar a relevância que estas festas apresentam não só na preservação do patrimônio destes países, como também no acréscimo do potencial turístico e cultural dos locais.

Nesse cenário, percebe-se que a preservação do patrimônio histórico-cultural é uma ferramenta imprescindível para que uma sociedade tenha a noção da importância de se manter a transmissão constante para as gerações futuras. A preservação, através das estratégias de promoção que se pretende aprofundar neste trabalho, tenta prolongar o período de existência dos

⁹ Instituto Brasileiro de Turismo. Disponível em: <http://aquarela2020.wordpress.com/2013/04/23/festas-juninas-terao-r-4-milhoes-da-embratur/> Acesso em 24/07/2014.

materiais, sendo que essa preocupação se deve principalmente ao valor histórico que eles representam para a sociedade. Neste contexto, é que se propõe, no decorrer do Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, pela Universidade de Aveiro (Portugal), a criação de um protótipo de plataforma digital colaborativa para a preservação da memória coletiva e do patrimônio imaterial de um espaço-povo, em que o usuário também seja produtor-consumidor (*prosumer*).

4.2 A Plataforma

Tendo em vista que as plataformas digitais, enquanto ambientes de natureza hipermediática, propõem dinamicidade, interatividade e flexibilidade para os conteúdos e publicações, elas oferecem ao usuário um espaço para a edição de conteúdo, anteriormente destinados somente a profissionais da área, além da usabilidade para os buscadores. Assim, diante de tantas vantagens, torna-se imprescindível um olhar atento sobre as potencialidades que os ambientes hipermediáticos oferecem, especialmente por colocarem o antigo usuário num lugar privilegiado, onde lhe é dada a possibilidade de se tornar um produtor/construtor de conteúdo para a rede (D'EÇA, 1998).

Primeiramente, o protótipo de plataforma será elaborado a partir de características convergentes, ampliando o acesso irrestrito à informação, possibilitando um ambiente para a discussão entre os pares e disseminando a informação histórica. Ou seja, o foco é projetar um ambiente centrado no usuário e reunir uma gama de mídias através de sistemas computacionais. Assim, a plataforma irá armazenar, preservar, divulgar e garantir o acesso a documentos digitalizados, narrativas em texto, áudio, vídeo e fotos. Para além, irá apoiar as atividades de pesquisa e de criação do conhecimento, facilitando o processo de ensino-aprendizagem por meio do acesso à informação.

Estas características, aplicadas ao contexto da Sociedade da Informação, permitem-nos observar que novos desafios são colocados aos sujeitos sociais e, conseqüentemente, para a própria rede. Na cibercultura, as informações são acessadas de forma não linear, possibilitando a participação ativa do usuário e, assim, a interatividade.

Nesse cenário, percebe-se que a preservação do patrimônio histórico-cultural é uma ferramenta imprescindível para que uma sociedade tenha a noção da importância de se manter a transmissão constante para as gerações futuras. A preservação, através das estratégias de promoção que no trabalho de doutoramento se pretendem aprofundar, tentará prolongar o período de existência dos conteúdos culturais, sendo que essa preocupação se deve principalmente ao valor histórico que eles representam para a sociedade. Neste contexto, destaca-se a importância da preservação da memória coletiva e do patrimônio histórico-cultural (festejos juninos) para uma melhor construção do sentido de identidade.

5. Considerações Finais

Ao migrar de uma plataforma de consumo para uma plataforma de criação e colaboração, a internet passou a oferecer as condições e ferramentas necessárias para transformar o perfil do seu usuário: de uma postura passiva para uma ativa. Agora, qualquer usuário pode criar seu conteúdo, assumindo o papel de *prosumer*, e distribuí-lo por seus próprios canais de mídia, em vários formatos: escrito (blogs), vídeo (*YouTube*, *Vimeo*, etc), áudio (podcasts disponíveis em blogs, sites, etc), imagens (*Flickr*), etc. West e Gallagher (2004) já mencionavam a relevância dos novos recursos colaborativos disponibilizados pelas tecnologias de informação e comunicação, como os blogs, wikis, as redes sociais e as comunidades virtuais abertas, enquanto exemplos consolidados de plataformas digitais.

Dentro de uma dimensão tecnológica, tais modelos digitais tornam-se ainda mais relevantes quando se tornam recursos de intermediação para o arquivamento e preservação de informações

que, anteriormente, só estavam resguardadas por uma suposta tradição oral de grupos sociais e culturais, e de sujeitos anônimos. Essas informações nada mais são do que memórias coletivas, constituídas pela memória individual, pela cultura local e pela interação social.

A intenção pela criação de um protótipo de plataforma colaborativa corresponde à forma como a dimensão tecnológica coopera para a preservação de um patrimônio cultural, especialmente quando imbricado por um tipo de comunicação que construa parcerias e incentive o compartilhamento de informação e de conhecimento: a colaboração digital. Assim, a preservação da memória coletiva e do patrimônio imaterial de um dado espaço-povo, por meio de um ambiente hipermediático, sugere outra forma de interação que pode estar ancorada na particularidade de cada acesso, em que se retomam “velhos” conteúdos e os transformam em atuais novamente.

Seguramente, desde os avanços tecnológicos observados nos últimos anos e com o surgimento de novos papéis para os sujeitos sociais, enquanto usuários do ciberespaço, novas perspectivas e abordagens foram promovidas para a preservação da cultura de um povo. Hoje, o patrimônio e a cultura têm assumido uma natureza plástica, por se remodelarem em função das experiências do sujeito, como *prosumer*, e dos fatores do ambiente, como a utilização de plataformas digitais que abrem espaço para o seu registro e para uma outra interação (ressignificação) com o passado, que pode ser revisitado quantas vezes forem necessárias.

Por fim, a criação de um protótipo de plataforma aqui exposto ainda está em seu estado embrionário, pois se configura como projeto inicial do Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD), da Universidade de Aveiro. Dada a importância da área pesquisada, considera-se que muito há que percorrer no campo de investigação desta natureza.

Referências

ABREU, R. & CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

BALDI, V. & OLIVEIRA, L. **Território hipermediatizado e convergências multilocalizadas: dialética entre terras e nuvens. Experiências de consumo contemporâneo**. Pesquisas sobre mídia e convergência. São Paulo. 2013.

BARÁBASI, A. L. **Linked. How Everything is connected to Everything Else and What it means for Business, Science and Everyday Life**. São Paulo: Leopardo Editora, 2003.

BAUDRILLARD, J. **Sociedade de Consumo**. Lisboa: 70, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIM, R. **As festas populares como processos comunicacionais**. Anuário UNESCO/UNESP de comunicação Regional, Ano V nº5, 17-24, jan-dez. 2001.

CAMERON, F. **Beyond the cult of the replicant: museums and historical digital objects**. In: Cameron, F.; Kenderdine, S. *Theorizing digital cultural heritage: a critical discourse*. Cambridge: MIT, 2007.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, vol.3, São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COSTA, M. F. **A sociedade de hiperconsumo: interação online no caso do iPhone 5**.

- Universidade de Aveiro – Departamento de Comunicação e Arte. 2013.
- D'EÇA, T. A. **NetAprendizagem: a internet na educação**. Porto: Porto Editora, 1998.
- FLORIDI, L. **Information: A very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de Comunicação**. Tradução Susana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEMIEUX, V. **À quoi sert les réseaux sociaux?**. Québec: Les Éditions de l'IQRC, 2000.
- LISBOA, R. S. **Direito na Sociedade da Informação**. RT- 847, p. 78-95. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.
- LUCENA FILHO, S. A. **Festas Juninas em Portugal: marcas culturais no contexto do folkmarketing**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- O'REILLY, T. **What is web 2.0? Designs patterns and business model for the next generation of software**. 2007. Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> Acesso em: 21/01/2014.
- RANGEL, M. S. **Entre Cordões e Batucadas: festas de Momo, urbanização e ideias de modernidade em Santo Antônio de Jesus (1930-1950)**./ Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2010.
- RHEINGOLD, H. **The virtual community: homesteading on the electronic frontler**. USA: Paperback, 1995.
- RODRIGUES, A. D. **Experiência, Modernidade e Campo dos Media**. 1999. Disponível em: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação [http://www.bocc.ubi.pt/ esp/autor.php?codautor=2](http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=2) Acesso em: 10 de outubro de 2014.
- SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.
- SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011.
- SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- UNESCO - **Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura**. Disponível em: <http://whc.unesco.org/> Acesso em: 10/10/2014

WEST, J.; GALLAGHER, S. **Key challenges of open innovation: lessons from open source software**. 2004. Disponível em: http://www.cob.sjsu.edu/west_j/papers/WesrGallagher2004.pdf
Acesso em: 29/05/2014.

WATTS, D. J. **Six Degrees: The Science of a Connected Age**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2003.